



Startups: uma fórmula para o sucesso

Políticas públicas permitem suprir falhas de mercado

A renovação do tecido empresarial e a transformação do paradigma competitivo depende do dinamismo de criação e crescimento das startups. Segundo a Kauffman Foundation, ao longo das últimas 3 décadas, as startups norte-americanas criaram 1,5 milhões de postos de trabalho por ano.

Por cá, o estudo "Empreendedorismo em Portugal" (da Informa D&B) mostra que, em 2015, as startups representavam cerca de 9% do volume de negócios e 16% do total do emprego criado pelas empresas. O mesmo estudo afirma que as startups têm um perfil cada vez mais exportador: em 2015, mais de 11% exportava logo no primeiro ano de vida, evidenciando um crescimento de 4,4 pontos percentuais face a 2008. Contudo, estas mesmas startups enfrentam desafios de crescimento e sobrevivência, comprovados por uma taxa de mortalidade de 33% no primeiro ano, enquanto cerca de 47% não sobrevive para além do terceiro ano. Questões estruturais como défices de competências de gestão, de definição estratégica, de networking ou de financiamento apresentam-se como as principais causas de fracasso.

O papel das políticas públicas

As políticas públicas podem ter um papel fundamental, desenhando e disponibilizando medidas e incentivos para colmatar ineficiências do mercado e problemas sistémicos do sistema de inovação. Ao nível do financiamento, os fundos estruturais constituem um mecanismo cada vez mais relevante para apoiar as startups ao longo do seu ciclo de vida, através dos diferentes sistemas de incentivos.

A ANI – Agência Nacional de Inovação tem reforçado o seu apoio às startups de base tecnológica ao longo da última década. Exemplos como o programa NEOTEC permitiram, na década passada, apoiar mais de 100 projetos de base tecnológica, muitos deles nascidos nas entidades do ensino superior. Também os instrumentos direcionados ao estímulo da inovação colaborativa geridos pela ANI têm tido forte adesão por parte das startups. No QREN, anterior Quadro Comunitário de Apoio (2007-2013), cerca de 30% das empresas que concorreram eram startups. Já no Portugal 2020, Quadro Comunitário de Apoio em vigor (2014-2020), só nos primeiros dois anos, as startups representavam quase 20% das empresas e dos incentivos atribuídos no âmbito dos projetos colaborativos. O setor das TIC foi o mais apoiado nos projetos submetidos pelas startups, logo seguidas pelas atividades de investigação e desenvolvimento (tanto no QREN como no Portugal 2020).

Paralelamente, regista-se uma aposta na promoção da participação das startups nacionais nas redes de inovação europeias, estimulando a apresentação de candidaturas a programas de financiamento do Horizonte 2020 e do SME Instrument (http://gppq.pt/h2020/contactos_ncp.php), bem como facilitando a sua articulação com sistemas de inovação de outros países através da rede Enterprise Europe Network (www.een-portugal.pt).

Importa ainda destacar que nos últimos dois anos foram lançadas medidas que melhoraram as condições de contexto das startups e procuram prevenir alguns dos constrangimentos identificados. Destaque para as medidas de capacitação das entidades de capital de risco e dos business angels, para a criação do enquadramento legal para novas formas de financiamento (ex. crowdfunding) e para a introdução de legislação que torne Portugal uma "zona franca tecnológica", com o objetivo de atrair startups e investimento internacional.

Este conjunto de iniciativas visa contribuir para a alteração do perfil de especialização do tecido produtivo para atividades de maior valor acrescentado.

Deste projeto resultará uma plataforma integrada de ferramentas especialmente adaptada à realidade da administração pública local. "O COMPACT contribuirá em áreas como: avaliação de risco, educação e consciencialização no tema da cibersegurança, deteção avançada de ameaças e partilha de conhecimento.



A plataforma desenvolvida permitirá que outros fornecedores de ferramentas e serviços relacionados com a cibersegurança a utilizem para disponibilizar a sua oferta”, refere Nelson Escravana, membro da direção do INESC INOV.

Ricardo Madeira Simões, chefe da Divisão de Sistemas, Tecnologias de Informação e Comunicações da Câmara Municipal da Amadora, considera que o COMPACT vai permitir ao município da Amadora “mitigar os efeitos dos ataques externos e integrar as mudanças resultantes da nova regulamentação europeia de proteção de dados”. Melhorar a robustez da infraestrutura de TI e a proteção contra ataques externos e alertar os trabalhadores para os cuidados a ter quando se utiliza software e se descarregam informações e/ou documentos de sites externos, são outras das possibilidades abertas pelo projeto.

Entogreen, um caso de sucesso

Um de entre muitos exemplos desta realidade é a startup Ingredient Odyssey (marca ENTOGREEN), que se dedica ao desenvolvimento de soluções agroalimentares sustentáveis, através da utilização de larvas de insetos para a conversão de resíduos industriais em fontes nutricionais para a alimentação animal e fertilizantes para os solos agrícolas. Os produtos desta empresa têm boas características nutricionais, e no caso das larvas, representam mesmo uma alternativa mais sustentável às atualmente disponíveis, podendo substituí-las parcialmente na alimentação de animais de produção. Este processo está a ser desenvolvido no âmbito do projeto EntoValor, apoiado pelo Portugal 2020, que assim alavanca o crescimento da empresa. De acordo com um dos seus fundadores, Daniel Murta, esta candidatura “permitiu que a nossa empresa criasse as condições para atrair um conjunto de parceiros que têm assim as condições essenciais para nos ajudar a tornar o nosso processo realidade”.

Fonte: ANI - Agência Nacional de Inovação



Daniel Murta e Rui Nunes, Fundadores da EntoGreen, distinguidos com o BfK AWARDS, atribuído pela ANI em outubro de 2017 no âmbito do Agrí Innovation Summit Startup Showcase.